

Comércio exterior brasileiro: China desloca Estados Unidos e área do euro

Rubens Penha Cysne

Professor da EPGE Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV EPGE)

A recente viagem do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos trouxe de volta a discussão sobre a evolução do comércio do Brasil com esse país, *vis-à-vis* o comércio com a China e, secundariamente, com os países da área do euro.

As figuras 1, 2 e 3 a seguir permitem observar que, ao longo das duas últimas décadas, houve um deslocamento das importações e exportações brasileiras dos Estados Unidos e da área do euro para a China. As figuras mostram a participação de cada um desses três parceiros comerciais, entre 1999 e 2018, no total das exportações e importações brasileiras.

Concentremo-nos inicialmente, para fins de exposição, no comércio Brasil-Estados Unidos (figura 1). Fica claro que houve uma queda da participação americana nas nossas exportações (linha cheia) de 22%, em 1999, para 12% do total em 2018. Da mesma forma, nossas importações dos Estados Unidos (linha pontilhada) passaram de 24% para 16% do total.

Mesmo comportamento se observa com relação à área do euro (figura 2), onde as exportações pas-

saram de 25%, em 1999, para 15% em 2018. As importações brasileiras provenientes dos países da área do euro seguem uma evolução congênere, partindo de 26% em 1999 e chegando a 16% do total em 2018.

O comércio com a China mostra uma tendência exatamente oposta àquela observada para os Estados Unidos e para a área do euro. A figura 3 traduz esse ponto. As exportações brasileiras para a China cresceram de 1% do total em 1999 para 26%, em 2018. Ao mesmo tempo, nossas importações da China se iniciam com um valor de 2% em 1999 para alcançar 19% do total em 2018.

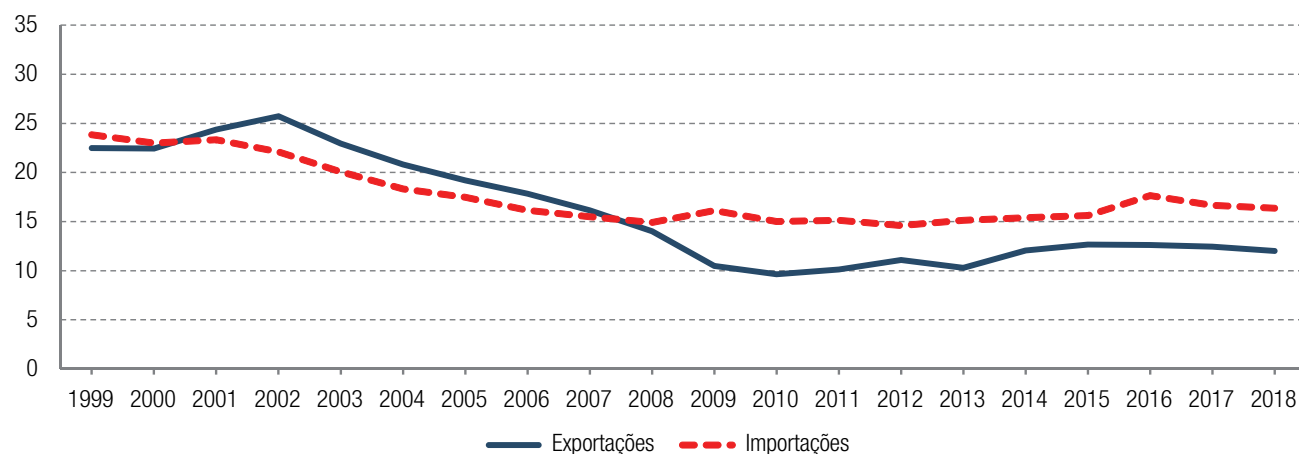
Do ponto de vista de administração de riscos de comércio, o ideal para cada país é ter diversidade suficiente não apenas no que diz respeito a parceiros comerciais, mas também aos produtos de exportação. É também economicamente aconselhável que suas exportações embutam suficiente valor adicionado não apenas de recursos naturais não renováveis, mas também de capital e trabalho nacionais.

A princípio, uma dependência muito grande de algum parceiro

comercial, traz sempre certo grau de risco. Principalmente se tal dependência for assimétrica, ou seja, se para tal parceiro o país original significar uma parcela reduzida de suas importações e exportações. Esse tipo de indagação suscita a curiosidade sobre dados simétricos àqueles levantados pelas figuras 1, 2 e 3. Ou seja, o que representa o Brasil, em termos de comércio, para os Estados Unidos, para a área do euro e para a China?

Os números mostram que, entre 1999 e 2018, menos de 1% das importações totais e menos de 1% das exportações totais da área do euro tiveram o Brasil como parceiro. No caso dos Estados Unidos, também em todo o período considerado, menos de 1,5% de suas importações totais e menos de 3% de suas exportações totais tiveram origem no Brasil, cifra que hoje em dia situa-se abaixo de 2,5%.

Dada a trajetória de comércio brasileiro, tendo em vista que a China passou a ter um papel muito mais relevante nos últimos anos, cabe analisar mais detalhadamente o caso desse país. Esse é o objetivo da figura 4.

Figura 1: Participação dos Estados Unidos nas exportações e importações do Brasil (em %)

Fonte: FMI, Direction of Trade Statistics.

Figura 2: Participação da área do euro nas exportações e importações do Brasil (em %)

Fonte: FMI, Direction of Trade Statistics.

Entre 1999 e 2018, o Brasil foi responsável por algo entre 0,4% e 1,7% das exportações da China, situando-se atualmente em 1,3% do total. As importações que a China faz do Brasil apresentam elevação constante na pauta total desse país, passando de 0,6% em 1999 para 3,6% do total nos dias atuais.

Ou seja, no que diz respeito exclusivamente às variáveis que estamos analisando aqui, o Brasil tem maior peso para a China do que para os Estados Unidos ou para a área do euro. Isso era de se esperar, tendo em

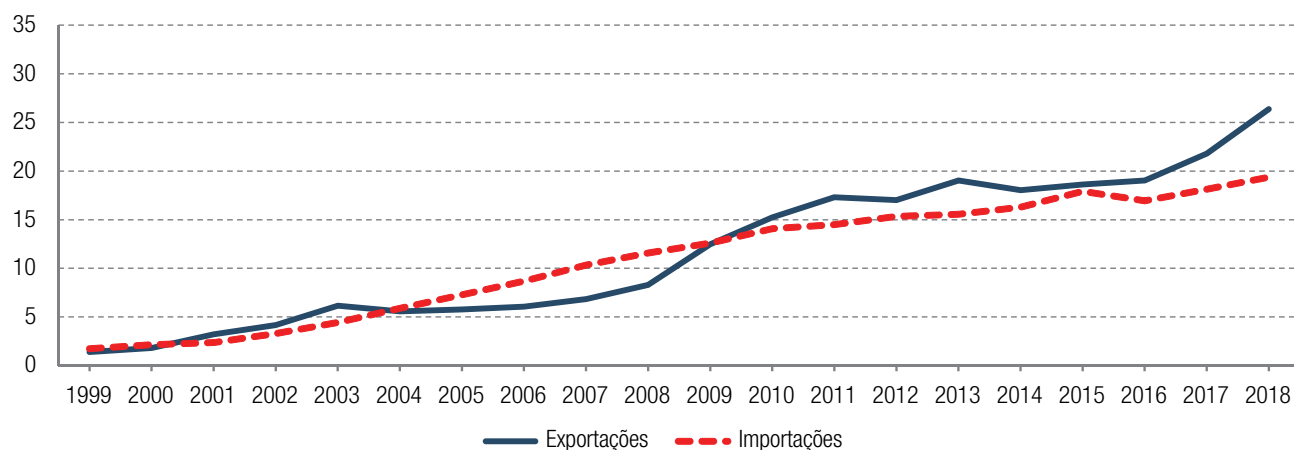
vista o crescimento da China como parceira de comércio do ponto de vista brasileiro, como mostraram as figuras 1, 2 e 3.

O mais importante a observar, entretanto, é que ainda assim há uma grande assimetria quando se compara a interdependência de comércio do ponto de vista da China e do Brasil. Os números de comércio mostram, sob esse ponto de vista, que a China é muito mais importante para o Brasil do que o Brasil para a China. Claro que tais números refletem, em particu-

lar, o reduzido tamanho (medido pelo volume total de comércio) da economia brasileira relativamente à chinesa.

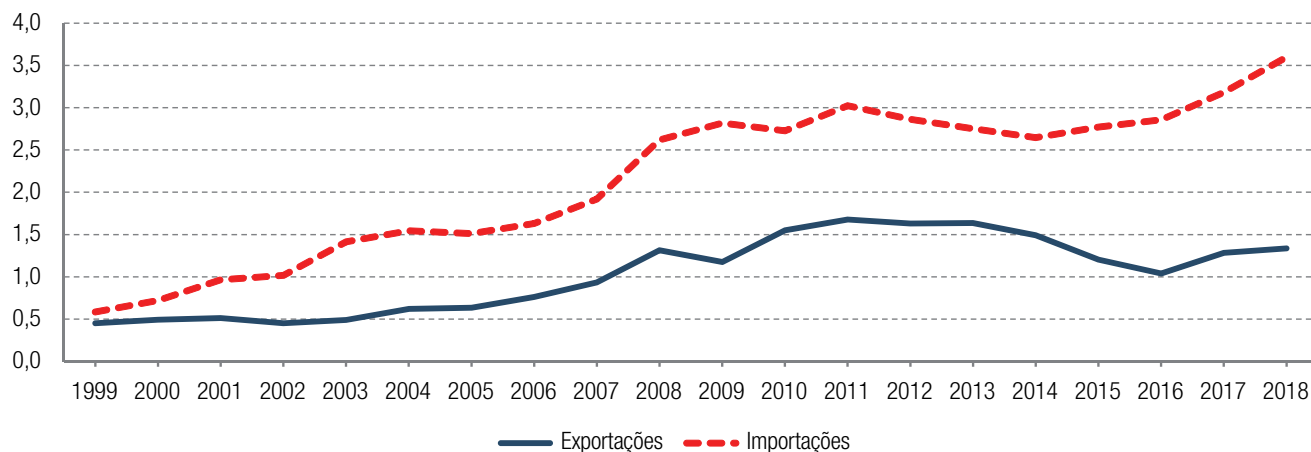
No caso das exportações, o Brasil tem a China como responsável por 26% das compras em 2018, ao passo que para a China o Brasil representa apenas 1,3% das vendas externas. No caso das importações esses números giram em torno de, respectivamente, 20% (peso da China nas importações brasileiras) e 3,6% (peso do Brasil nas importações chinesas).

Figura 3: Participação da China nas exportações e importações do Brasil (em %)



Fonte: FMI, Direction of Trade Statistics.

Figura 4: Participação do Brasil nas exportações e importações da China (em %)



Fonte: FMI, Direction of Trade Statistics.

Em negociações entre países, esse tipo de análise é particularmente mais importante no curto prazo, quando fica mais difícil o processo de redirecionamento de comércio. Um país com elevado grau de exposição de seu comércio em relação a algum outro país evidentemente estará (*coeteris paribus*) sujeito a maior rigidez de ação em negociações bilaterais.

Há de se observar adicionalmente que as exportações brasileiras para a China apresentam forte predominância de produtos básicos, em contraposição a produtos

semimanufaturados e manufaturados. Na pauta de exportações para a América Latina, ou mesmo para os Estados Unidos, o percentual de manufaturados é mais elevado do que o de básicos. Uma concentração do comércio exterior brasileiro com a China nos moldes atuais tende a reduzir, em termos relativos, a demanda externa por produtos com médio ou alto valor adicionado de capital físico e humano nacional.

O que estes números estão a sugerir não é que o Brasil deva reduzir

seu comércio com a China. Mas sim que não deve descuidar do comércio com os seus demais parceiros comerciais tradicionais, o que inclui os Estados Unidos e os países da área do euro. Isso permite reduzir a dependência de comércio sem ameaças à abertura da economia e aos ganhos de comércio.

Claro que se deve sempre observar, ao mesmo tempo, e com cada parceiro comercial, a pertinência de se almejar uma pauta de exportações com maior valor adicionado de capital e trabalho nacionais. ■